

A Metáfora no Discurso e no Léxico Especializado do Micro e Pequeno Agricultor da Cana-de-Açúcar do Maranhão¹

Luís Henrique Serra*

Resumo: o objetivo deste artigo é apresentar uma análise do universo conceitual do discurso especializado do micro e do pequeno agricultor da cana-de-açúcar no Maranhão. Com base na teoria da Socioterminologia, a Teoria Comunicativa do Termo, proposta por Cabré (2002), e na da metáfora conceitual, proposta por Lakoff e Johnson (2003), examina-se as expressões metafóricas encontradas no discurso especializado e no léxico desse universo, no estado do Maranhão. Os resultados da pesquisa evidenciam a atribuição, no interior desse discurso, de muitas características físicas e comportamentais próprias do ser humano à cana-de-açúcar, ao caldo da cana e à cachaça; o léxico, por sua vez, assinala a existência de termos cuja motivação se encontra na semelhança que há entre objetos do universo da cana-de-açúcar e objetos do cotidiano humano, como bandeiras, pés de galinha, dentre outros.

Palavras-chave: Metáfora cognitiva; Socioterminologia; Personificação; Discurso especializado; Cana-de-açúcar

Abstract: this article aims at analyzing the conceptual universe of specialized discourse of micro and small producer of sugar cane in Maranhão. Based on the Socioterminology theory, the Communicative Theory of Terminology, created by Cabré (2002) and on Conceptual Metaphor, created by Lakoff and Johnson (2003), we observe what metaphorical expressions can be found on this specialized discourse universe and lexicon in Maranhão. The results have shown the attribution of very human characteristics of the sugar cane, the sugar cane juice and the *cachaça*, and; the lexicon presents terms that exist by the similarities between the objects of the sugar cane universe and those ones from the human daily life, like *bandeira*, *pé de galinha* and others.

Keywords: Cognitive Metaphor; Socioterminology; Personification; Specialized discourse; Sugar cane

Introdução

A língua é um dos mais importantes meios pelos quais o homem depreende o mundo que orodeia. É a partir do signo linguístico que o homem organiza o mundo criando, assim, inúmeros axiomas em seu universo conceitual, guardando experiências e fenômenos que utilizará ao longo da vida. A visão do mundo pelo homem também tem fortes impressões na língua. Sapir (1961) entende o léxico como um repositório permanente do saber humano.

¹Agradecemos a leitura e revisão deste trabalho aos professores pesquisadores do Projeto ALiMA, professor doutor José de Ribamar Mendes Bezerra, Professora doutora e coordenadora do Projeto Conceição de Maria de Araujo Ramos e Professora Mestra Maria de Fátima Sopas Rocha. De qualquer modo, todas as informações apresentadas aqui são de inteira responsabilidade do autor.

*Graduando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, auxiliar de pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão e Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

No léxico de uma determinada região, dependendo da sua ocupação econômica e social, há um número grande de unidades lexicais correspondentes a campos de ocupação dessa localidade. Exemplo disso é o das populações que vivem perto do mar: nessas localidades, na fala de seus habitantes, há um grande número de unidades lexicais concernentes à pesca, a animais marinhos e a outros aspectos marítimos (cf. Sapir, 1961). Essas ideias apontam para uma realidade importante: a língua tem um papel fundamental nos estudos da realidade humana, bem como da percepção humana da realidade.

Levando em consideração as ideias preconizadas pela teoria da metáfora cognitiva, segundo a perspectiva de Lakoff e Johnson (2003), Sardinha (2007) e Kövecses (2010)², e os pressupostos defendidos pela Socioterminologia, aqui vista pela ótica de Gaudin (1993) e Cabré (2002)³, este trabalho busca investigar o sistema metafórico-cognitivo do micro e pequeno agricultor de cana-de-açúcar do Maranhão, objetivando examinar como esse grupo social depreende o mundo que está à sua volta, e como é formado seu sistema conceitual. Acreditamos que essa análise nos dará importantes informações sobre essa cultura, no Estado.

Embora essas duas correntes teóricas assumam pontos de vista diferentes e tratem os dados linguísticos de forma particular, nossa opção por estabelecer um diálogo entre elas se justifica, por um lado, porque partimos do pressuposto de que, em linguagens especializadas, como é o objeto de nosso estudo, os conceitos e a própria nomenclatura dos termos se dão por vieses sociais, cognitivos e culturais. Por outro lado, porque ambas as correntes têm em comum objetivos finais, que são, a partir da língua, descrever a realidade humana e postular que o sistema conceitual humano depende muito do olhar do homem sobre o objeto, o universo em si, bem como de suas experiências com o mundo.

Terminologia e Socioterminologia: uma evolução teórica

O reconhecimento das unidades especializadas, no âmbito do léxico, como sendo um subsistema da língua é um dos grandes avanços da Linguística dos últimos

²Os autores defendem que, por meio das metáforas de uma língua, é possível observar o sistema cognitivo e cultural dos falantes.

³Para esses autores, as linguagens especializadas são apenas englobamentos léxicos e, portanto, fazem parte do sistema linguístico das línguas naturais.

tempos. O advento da Terminologia como campo científico-pragmático abriu as portas para um campo que prometia ser promissor, sendo um dos importantes avanços dentro das ciências humanas. Do mesmo modo, o rompimento com o postulado clássico fez com que a Terminologia desse um amplo salto no que diz respeito ao aspecto epistemológico das linguagens especializadas.

O léxico especializado, que antes era encarado como um conjunto de denominações de objetos próprios de um campo especializado, passou a constituir um subconjunto do léxico geral, bastante complexo, que deveria ser investigado profundamente em todos os seus aspectos. Essa investigação, segundo Rey (*apud* KRIEGER; FINATTO, 2004), fornece inúmeras informações sobre o léxico que lhe serve de base.

Tendo em vista que esse subsistema apresenta características diferenciadas do sistema maior, sobretudo no aspecto semântico – pois princípio fundamental de uma linguagem especializada é evitar as ambiguidades semânticas próprias da linguagem geral (i.e. polissemias, sinonímia e paranomásia) – os primeiros estudos em Terminologia, capitaneados por Eugen Wüster, criador da Teoria Geral do Termo (TGT), tinham objetivos estritamente idealistas e reducionistas, que eram evitar totalmente essas ambiguidades no sistema linguístico especializado.

Na TGT, entende-se que o signo terminológico é independente de seu conceito e que, portanto, o conceito não poderia estar estritamente ligado ao termo, sendo as duas unidades de natureza diferente, uma linguística e a outra conceitual. A TGT postulava então que o conceito, numa ordem linear, seria o primeiro a aparecer (sentido onomasiológico), só então depois o terminólogo criaria um termo adequado para aquele conceito. Com isso, todo e qualquer aspecto polissêmico de um termo poderia (e deveria) ser evitado.

Segundo a TGT, há uma hierarquia dentro do sistema das linguagens especializadas em que as linguagens técnicas e monoreferentes seriam os tipos ideais de linguagens. Com base nesse pensamento, passou-se a concluir que todo e qualquer fenômeno linguístico que ameaçasse a univocidade de um termo, teria que ser evitado e combatido em prol de uma harmonia técnica, semelhante àquela postulada pelas

ciências exatas e que também era preterida pelos gramáticos puristas no sistema geral da língua. Para Wüster, segundo Cabré (2002, p 44)⁴:

O conhecimento científico, concebido como universalmente homogêneo, é o modelo a seguir para organizar os conceitos de todas as matérias profissionais, sem considerar as diferenças que apresentam as diferentes matérias, contextos socioculturais, áreas geográficas, realidades socioeconômicas e línguas, tanto por sua tipologia, como por seu status social. A uniformização do conhecimento se dá por meio de consenso em um processo de normalização. Se os conceitos podem unificar-se, as denominações também podem normalizar-se, e é desejável que seja assim.

Observando o comportamento real das linguagens especializadas e contrapondo as ideias defendidas pela TGT, um conjunto de discussões colocava em cheque a visão monoreferente do termo. Nessas discussões, começaram a surgir ideias que defendiam que o termo é uma unidade linguística como as outras unidades do sistema, dotada de significado e significante, e não conceito e nomenclatura, como defendia a TGT. Isso levaria, portanto, à variação terminológica, visto que os termos estariam expostos às mesmas transformações que o sistema impunha sobre as outras unidades. Esse conjunto de ideias contribuiu substancialmente para a instituição da Socioterminologia, sob a pena de linguistas como Gaudin (1993), responsável pelas discussões iniciais que possibilitaram o surgimento da Socioterminologia, e Cabré (2008), responsável pela formulação da Teoria Comunicativa do Termo (TCT)⁵.

Nessa nova abordagem teórica e metodológica, as unidades linguísticas de uma linguagem especializada não poderiam ser explicadas automaticamente, separadamente das outras unidades linguísticas, mas sim dentro de um todo, respeitando, dessa forma, os aspectos sociais, econômicos e cognitivos que atravessam os universos profissionais.

⁴Todas as traduções foram feitas por nós. O texto original é o que segue: “*El conocimiento científico, concebido como universalmente homogéneo, ES el modelo a seguir para organizar los conceptos de todas las materias profesionales, sin considerar las diferencias que prestan las distintas materias, contextos socioculturales, áreas geográficas, realidades socioeconómicas, y lenguas, tanto por su tipología como por su estatus social. La uniformización del conocimiento se lleva a cabo a través del consenso en un proceso de normalización. Si los conceptos pueden unificarse, las denominaciones también pueden normalizarse, y es deseable que así sea*”.

⁵Gaudin (1993) é um dos primeiros pensadores da Socioterminologia. Foi ele quem observou a necessidade da descrição da realidade das linguagens especializadas em diferentes contextos que não o acadêmico e o técnico. Nessa abordagem, a variação terminológica é uma realidade, que contraria a TGT e a univocidade terminológica, pensada por Wüster e amplamente divulgada nos comitês técnicos do mundo. Cabré (2008), por sua vez, é a criadora da TCT, uma teoria que visa a preencher as lacunas deixadas pela TGT, com relação à descrição e análise das linguagens especializadas e a variação que lhes é inerente.

Para a TCT, uma linguagem especializada é o conjunto de unidades das línguas naturais que se integram ao conhecimento técnico do falante, dando a essas unidades sentidos específicos dentro de um discurso especializado. Por essa ótica, as unidades terminológicas são formadas por rearranjos lexicais, em que as unidades do sistema léxico da língua se recolocam de acordo com o discurso no qual elas são empregadas.

Outra diferença importante na Terminologia decorrente da TCT é a mudança de perspectiva no que concerne à análise do objeto investigado: à Terminologia não interessariam mais somente as unidades léxicas especializadas como única fonte do universo especializado, mas também o discurso. O texto especializado recebe um tratamento especial, pois se entende que essas formas linguísticas são uma das principais responsáveis pelo caráter terminológico da unidade lexical e, em alguns casos, um dos principais causadores da variação terminológica. Na perspectiva da TCT, termo e palavra não se distinguem, pois as unidades lexicais só recebem um conteúdo semântico especializado graças às implicações contextuais especializadas.

Nesse sentido, é possível encontrar expressões metafóricas nas linguagens especializadas, assim como na linguagem comum não especializada. Se as linguagens especializadas não se diferenciam da linguagem cotidiana, é perfeitamente possível encontrarmos metáforas cognitivas nos universos especializados. Desse modo, este trabalho investiga o universo do micro e do pequeno agricultor da cana-de-açúcar do Maranhão para examinar essa hipótese, além de conhecermos mais sobre esse universo tão importante para a cultura do Estado.

A teoria da metáfora conceitual: o sistema conceitual humano e a língua

Há muito já não se pode pensar na metáfora somente como um artifício de embelezamento e complexidade da linguagem literária ou especializada. Desde o lançamento do livro *Metaphor we live by* de Lakoff e Johnson, em 1971, os estudos no campo da Linguística Cognitiva, e conseqüentemente, do universo da metáfora evoluíram consideravelmente. Como nos mostram os autores dessa obra, a metáfora é um artifício não apenas linguístico, mas também cognitivo e pode ser encontrada em nosso cotidiano de forma ampla. Segundo Kövecses (2005):

(...) um dos principais pontos em Lakoff e Johnson foi que a metáfora não ocorre primeiramente na linguagem, mas no pensamento. Em

outras palavras, eles defendiam que nós entendemos o mundo com as metáforas, e não simplesmente falamos com elas. (KÖVECSES, 2005, p2)⁶.

Uma análise mais aprofundada da linguagem cotidiana nos mostrará que a metáfora, ao contrário do que defendem os estudos tradicionais, permeia grande parte da fala cotidiana, científica, escolar, empresarial, entre outros tipos, não só a literária (cf. LAKOFF; JOHNSON, 2003).

Lakoff e Johnson ampliam o campo de atuação dos estudos da metáfora ao considerarem, em suas análises, não somente a linguagem escrita ou falada, mas também a gestual, a psíquica e a comportamental, criando, desse modo, a teoria da metáfora conceitual. De uma forma geral, na metáfora conceitual, a linguagem (em todas as suas manifestações) é vista como um receptáculo de conhecimento, *uma coleção estrutural de categorias significativas que nos ajuda a lidar com novas experiências e guardar informações sobre as antigas* (GERRAERTS; CUYCKENS, 2007, p 3)⁷.

Segundo Lakoff e Johnson:

(...) Metáfora é tipicamente vista como característica somente da linguagem, que diz respeito exclusivamente à palavra em vez do pensamento ou da ação. Por essa razão, muitas pessoas acham que podem viver bem sem metáfora, nós, pelo contrário, achamos que a metáfora é generalizada na nossa vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e nas atitudes. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do que nós pensamos e agimos é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p 4)⁸

Na teoria da metáfora conceitual, o sistema cognitivo humano é resultado de inúmeras experiências e relações com o mundo que rodeia o homem. Se quisermos fazer parte de uma sociedade, interagir com ela, ser entendidos e entender os outros indivíduos, é necessário termos conhecimento das metáforas que a língua ou a cultura

⁶“(...) One of Lakoff and Johnson’s main points was that metaphor does not occur primarily in language but in thought. In other words, they argued that we actually understand the world with metaphors and do not just speak with them.”

⁷“a structured collection of meaningful categories that help us deal with new experiences and store information about old ones”

⁸“(...)metaphor is typically viewed as characteristic of language alone, a matter of words rather than thought or action. For this reason, most people think they can get along perfectly well without metaphor. We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.”

dela nos disponibiliza. Segundo Sardinha (2007), a metáfora é um fenômeno da linguagem em uso e sua compreensão é um processo automático; o participante de uma cultura, de uma realidade humana, não faz nenhum esforço para identificar e compreender uma metáfora, visto que ele está inserido dentro de um sistema linguístico, conceitual e metafórico humano. Ainda segundo o referido autor:

(...) a Metáfora Conceitual é empregada como meio de entender como as pessoas interagem em um meio social. Por isso, o foco de sua pesquisa é frequentemente a política, ideologia, gêneros, produção de texto, ensino e aprendizagem de língua e assim fazem uma interface com as áreas como Análise do Discurso Crítica, a *Lexicografia*, as ciências políticas e a Linguística de *Corpus*. (SARDINHA, 2007, p 35). (Grifo nosso)

Com a teoria da Metáfora Conceitual (doravante METÁFORA) foram criados inúmeros conceitos que servem para a investigação da linguagem humana. Dentre esses, nos interessa falar sobre o de metáfora conceitual, expressões metafóricas e domínios⁹.

Metáfora conceitual é a conceitualização de um domínio de experiência relacionando-o a outro, normalmente de modo automático. Um exemplo é o conceito TEMPO É DINHEIRO¹⁰: a metáfora de queo tempo é uma coisa preciosa como um objeto é um conceito que permeia o pensamento da sociedade moderna e ocidental. Note que essa metáfora nos dá um conceito de tempo, aproximando duas coisas de naturezas diferentes, sendo uma concreta (dinheiro, objeto de valor) e a outra abstrata (o tempo).

Na verdade, esse conceito, apesar de familiar, é um conceito abstrato, mental, que dá origem a inúmeras expressões metafóricas em nossa língua. A metáfora conceitual é um conceito bastante abstrato; mas, como falantes de uma língua que possui um sistema conceitual, podemos identificá-lo sem problemas. É importante notar que as metáforas conceituais refletem a ideologia e o modo de ver o mundo por um grupo de pessoas, constituído em uma determinada cultura (SARDINHA, 2007, p 33). São, na verdade, conceitos cristalizados e construídos ao longo da existência do grupo que retratam nosso comportamento, modo de expressão e modo de ver o mundo.

⁹Os outros conceitos da METÁFORA, como Mapeamento e Desdobramento, podem ser encontrados resumidamente em Sardinha (2007), ou mais amplamente explicados em Lakoff e Johnson (2003).

¹⁰Convencionou-se que as expressões metafóricas são escritas com letras maiúsculas.

A expressão metafórica é a materialização da metáfora cognitiva: partindo do conceito abstrato, materializamos nossas ideias por meio de expressões linguísticas. Com base no exemplo acima – TEMPO É DINHEIRO – construímos inúmeras expressões metafóricas na nossa fala cotidiana, como: *Eu não tenho tempo a perder, Tempo é ouro, Nosso tempo é precioso, Vamos ganhar tempo*, entre outras. É a partir das expressões metafóricas que conseguimos mapear (encontrar as relações existente entre dois conceitos diferentes) uma metáfora conceitual, e isso é feito de forma automática e inconsciente.

Por fim, o domínio é uma área do conhecimento ou de alguma experiência humana. No exemplo acima, *Tempo* é um domínio, e *Dinheiro* é outro. Na relação de dois domínios diferentes são constituídos dois tipos de domínios: fonte e alvo. O domínio-fonte é aquele que nos permite conceitualizar alguma coisa ou pessoa metafóricamente. No exemplo em tela, o domínio-fonte é *dinheiro* (alguma coisa, objeto, com um determinado valor). O domínio-alvo é aquele que desejamos conceitualizar; em se tratando de nosso exemplo, é o *tempo*. Sardinha (2007) explica que o domínio-fonte é geralmente a parte concreta da metáfora cognitiva e o domínio-alvo a parte mais abstrata.

Lakoff e Johnson (2003) apontam para um aspecto importante dentro de sua teoria: a personificação por meio da metáfora. Para esses autores, a personificação é a forma mais clássica de metáfora. Segundo ele, a personificação nos leva a compreender uma ampla variedade de relações que o homem tem com o mundo. Nas palavras dos próprios autores,

Talvez, as mais óbvias metáforas ontológicas são aquelas em que os objetos são especificados como sendo uma pessoa. Isso nos leva a compreendermos uma grande variedade de experiências com entidades não-humanas, em termos de motivação humana, características e atividades. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p 33)¹¹

Sardinha (2007) explica que a personificação é um dos principais tipos de metáforas conceituais. O discurso científico é um dos que mais utilizam esse tipo de

¹¹ “Perhaps the most obvious ontological metaphors are those where the physical object is further specified as being a person. This allows us to comprehend a wide variety of experiences with nonhuman entities in terms of human motivations, characteristics, and activities.”

metáfora, contudo, como observaremos nos dados que serão apresentados, a ciência não é o único domínio que se utilizasse artifício linguístico e conceitual.

Levando em consideração esses conceitos da METÁFORA e o da personificação, analisaremos, no *corpus* da cana-de-açúcar, disponível no banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), como esses conceitos podem ser observados nesse universo. Veremos quais metáforas conceituais fazem parte do discurso especializado do universo da cana-de-açúcar no Maranhão e como esses indivíduos personificam a cana-de-açúcar, o caldo da cana e a cachaça. Acreditamos que, com esta análise, teremos informações de como esse universo se organiza e como são construídos os discursos especializados nesse campo da cultura do Maranhão.

Os dados

Os dados utilizados neste trabalho foram selecionados do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), um projeto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O trabalho constitui um recorte do projeto de iniciação científica, financiado pelo CNPq e intitulado “*O léxico da cana-de-açúcar: um estudo com base no corpus constituído para o ALiMA*”. O projeto tem como objetivo produzir um glossário eletrônico da linguagem especializada do micro e do pequeno agricultor da cana-de-açúcar do Maranhão. Acreditamos que a linguagem desse agricultor guarda peculiaridades da cultura do Estado, visto não ter sofrido muita influência da escola ao longo de sua vida.

Esses dados são provenientes de três diferentes localidades do Estado, a saber: Pinheiro, Central do Maranhão (Norte) e Buriti (Leste). A recolha dos dados foi feita a partir da aplicação do questionário semântico-lexical da cana-de-açúcar, com cinquenta e duas questões, divididas em cinco campos semânticos: plantação, colheita, produção, armazenamento e venda do produto.

Para a seleção dos plantadores levamos em consideração o seguinte perfil: agricultores de ambos os sexos, maiores de dezoito anos, que trabalhassem na atividade há mais de cinco anos e que fossem nativos da localidade pesquisada.

As aplicações do questionário foram gravadas por meio de um gravador digital. Depois de gravados, os dados foram tratados e armazenados em CD-rom, no banco de

dados do ALiMA. Os dados são submetidos à transcrição grafemática¹². As transcrições também são gravadas em CR-rom.

Para efeito deste trabalho, selecionamos uma amostra do *corpus*, usada para exemplificação de nossa análise.

A metáfora no discurso especializado do micro e do pequeno agricultor da cana-de-açúcar no Maranhão

Como observamos, a metáfora cognitiva é revelada por meio de análise das expressões metafóricas (EM). A partir do discurso dos profissionais do universo laboral e tradicional da cana-de-açúcar do Maranhão, observamos os tipos de metáforas cognitivas encontradas nesse universo. As expressões metafóricas encontradas apontam para uma personificação da cana-de-açúcar, da garapa e da cachaça, como podemos observar em alguns trechos do discurso, a seguir.

A CANA-DE-AÇÚCAR É UM SER HUMANO

Os plantadores da cana-de-açúcar, em seu discurso profissional, atribuem muitas características físicas e comportamentais humanas à cana-de-açúcar, como evidenciam as expressões metafóricas, constituídas por uma Metáfora Cognitiva, e exemplificadas a seguir.

A cana-de-açúcar tem um olho

O olho da cana-de-açúcar é a parte superior da planta que é aproveitada para o replantio da cana-de-açúcar. Ela é cortada em pequenos pedaços que se assemelham a pequenos canudos, o que justificaria a nomenclatura do olho da cana-de-açúcar, em alguns municípios, também ser *canudo*. Talvez por encontrar-se na parte superior da planta e ser sua parte menor e mais fina, essa parte da planta é chamada de *olho*, ou ainda, *olhadura*.

“ Não pode plantá a cana inteira não. Veja lá, a cana é grande, aí nego corta mais ou menos três palmos, o olho da cana, né? Aí nego corta o olho da cana, aí tira o olho pra plantá na terra ”

*“Esse aqui que eu tô te mostrano é o **olhín da cana** ”*

¹²Nas transcrições, procuramos conservar as características da variedade linguística usada pelo falante. Assim, essas transcrições não necessariamente seguem o padrão culto da língua.

A cana-de-açúcar tem um pé

O pé da cana-de-açúcar é a parte inferior da planta. Aqui, a nosso ver, não parece ser uma unidade terminológica, mas sim uma metáfora espacial que tem o *corpo* como fonte.

“Tem que limpá ela (a cana-de-açúcar), tem que chegá a terra nos pé dela e pronto. Quando ela tivé desse tamanho, aicê capina ela e vai colocano terra no pé dela, até ficá bem limpin como tá qui,oi”

“O siô sabe o que é que tem pé mole, ponta dura, quando meto, digo bole, entra dura e sai mole? (...) é cana, seu moço”

É interessante observar como o corpo é um grande motivador na produção de metáforas. Kövecses (2005) afirma que, graças às nossas experiências cotidianas com o corpo (sentir calor, frio, fraqueza, andar, pé, cabeça), muitas das metáforas de nossa fala têm alguma relação com ele. Em nossos dados, são muitas as metáforas relacionadas com o corpo.

Outras construções registradas em nossos dados que têm relação com a ideia (Metáfora) de a cana-de-açúcar ser uma pessoa são encontradas nos campos semânticos *plantação* e *colheita*. Aspectos humanos, lexias geralmente relacionadas com o desenvolvimento biológico humano estão inteiramente ligados ao desenvolvimento físico da cana-de-açúcar.

A cana-de-açúcar nasce, cresce, tem filhos, envelhece e morre

Os processos de desenvolvimento da cana-de-açúcar são interpretados pelos atores do universo linguístico da cana-de-açúcar do Maranhão como os mesmos processos de desenvolvimento humano.

“Tem que botá dois oi (olho-de-cana) numa cova porque arrisca um não nascê, e se nascê os dois, não tem pobrema não”

“Aqui é a cova, né? Aí pranta aqui, aí vai botando a terrinha nele (olho da cana) aqui na terra, não muita, se for muita terra, ela perde, não nasce”

“Tu bota a cana no chão pra ela podê nascê”

Assim como um ser humano, o primeiro momento de vida da cana-de-açúcar é chamado de *nascimento*. No processo de *plantação* de cana-de-açúcar, duas sementes da

cana-de-açúcar (olhoda cana) são plantadas juntas para garantir o sucesso da plantação. O desenvolvimento da planta é comparado com o do ser humano também. A planta fica grande ou pequena como uma criança que está se desenvolvendo.

*“Quando chega no verão, se corta a cana, nem que **teje grandí** ou **piquena**”*

*“Tem que dexá ela bem limpin pra podê ela **formá** (crescer, desenvolver)”*

Outro dado curioso nesse universo é que, quando da cana-de-açúcar brotam outros pés em seu caule, ou mesmo, no mesmo buraco (cova) em que se encontra plantado um pé, os plantadores costumam dizer que a cana-de-açúcar está tendo filho, ou na terminologia dos agricultores, *está filhando*.

*“Tem gente que diz que melhora, é... Como é que a gente diz? Brota muito mais né? Depois de queimado, **filha** mais, vai **filhá** mais. Tem gente que diz que não, mas... Eu achei a minha produção do ano atrasado melhor do que do ano repassado. E ano passado eu toquei fogo em todos os canaviais. Aí melhorou a produção”*

Como vimos, a cana-de-açúcar é como um ser humano que nasce e cresce, fica grande, envelhece e pode ser morta.

*“Porque ela (a cana-de-açúcar) fica aqui, a parte mais fina, ela é mais **novinha**, aqui ela já fica grossa, aqui ela **fica mais velha**, e aqui não, já é mais fina”*

*“água **mata** a cana”*

O CALDO DA CANA É UM SER HUMANO

Da mesma forma que à cana-de-açúcar são atribuídos aspectos humanos, o caldo da cana-de-açúcar, que é, nesse universo, nomeado como *garapa*, também tem atribuições físicas e comportamentais humanas.

A garapa tem seu estado de vida e morte

O processo de fermentação ou de desintoxicação do caldo da cana-de-açúcar, após ser prensada, origina inúmeras terminologias curiosas. Durante o processo de fermentação, em que o caldo da cana-de-açúcar fica em alta temperatura e por isso borbulhando, diz-se que o caldo está vivo. No fim do processo de desintoxicação do caldo, ele está morto, sem vida.

*“Quando ela (a garapa) **morre**, ela não fermenta, quando ela tá **viva**, ela tá quente, tudo que é vivo é quente, num é? Aí quando esfria, ela **morre**. ”*

*“Quando a garapa tá **paradinha** assim é porque ela **tá morta**”*

A garapa movimenta-se e cai

Durante o processo de trituração da cana-de-açúcar, o caldo da cana-de-açúcar, ao escorrer pela máquina de trituração (*engenho*), movimenta-se, ganhando habilidades humanas.

*“A garapa **cai** ali no tacho, aí do tacho **ela sai correndo** pra cá, **ela vem pra cá**”*

*“Quando ocê vai fazê rapadura cê tem que tá todo tempo ali, mexendo, porque se não a garapa **corre**, só quando apagá o fogo é que **ela pára**.”*

*“O tacho é onde **a garapa cai**”*

A CACHAÇA É UM SER HUMANO

No dito popular, segundo Maior (1980), são muitas as nomenclaturas da cachaça de cana-de-açúcar, como *marvada*, *Tira-juízo*, *Tira-vergonha* entre outros¹³. A cachaça é o caldo da cana-de-açúcar que, após passar pelo processo de destilação, se transforma em um líquido com alto teor alcoólico.

A cachaça é fraca ou forte

*“Pra depois que a gente tirar a cachaça, **quanto mais fraca ela sai**, mais é melhor.”*

*“É. Aí ela serve pra, se **a cachaça estiver muito forte** dá pra temperá, pra ela ficar fraca, não ficá muito...”*

*“A cachaça quando sai dali, **ela tá forte e essa daqui tá fraca**, é o resto da cachaça”*

A qualidade da cachaça está ligada à qualidade do teor alcoólico. Quando esse nível está alto, a cachaça é chamada de forte (assim como uma pessoa) e de fraca quando o seu teor alcoólico está agudo.

A cachaça se movimenta

O processo de fabricação ocorre graças à condensação do caldo da cana-de-açúcar quando ele alcança alta temperatura no alambique. O vapor do caldo da cana é inserido em um recipiente com água para que aconteça o processo de condensação. Durante esse processo, o vapor percorre um cano de ferro. Esse percurso dá origem a inúmeras expressões:

¹³Mário Souto Maior (1980) criou um dicionário de termos da cachaça com inúmeros termos populares de como se chama a cachaça no Brasil, chamado de *Dicionário folclórico da cachaça*.

“A cachaça quando sai dali, ela tá forte e essa daqui tá fraca, é o resto da cachaça”

“A cachaça passa assim, ó, ela cai aqui, desce bem aqui, ó”

“Agente mói um tanto de cana e deixa a cachaça correndo do outro lado”

“A cachaça cai aqui, aí nego bota o bujão pra apará ela aqui ó, tá entendendo?”

Outras características humanas da cachaça

Além das características mencionadas, são também características marcantes da humanização da planta da cana-de-açúcar, no discurso do universo tradicional da cana-de-açúcar no Maranhão, expressões que demonstram atos e comportamento humanos atribuídos à cachaça, como a habilidade de dar alguma coisa a alguém e a capacidade de suar como um ser humano.

“A cachaça dá mais lucro, a cachaça”

“Dali vem só o suó, só a fumaça, subindo aqui, só a cana, a cachaça pura mesmo”

Alguns aspectos metafóricos no léxico da cana-de-açúcar do Maranhão

Além da personificação, por meio de metáforas cognitivas da cana-de-açúcar e seus derivados, no discurso especializado do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar do Maranhão, é interessante observarmos algumas construções lexicais desse universo, pois elas nos dão importantes pistas sobre o uso metafórico. Como observaremos, alguns termos têm correspondências físicas com elementos humanos e com animais, e ainda, com objetos do uso comum, cotidiano.

O termo *bandeira da cana* é o termo que designa, no município de Central do Maranhão, um dos investigados por nós, a parte superior da cana-de-açúcar quando ela está madura; essa parte da cana-de-açúcar nos oferece uma pista da ação metafórica na construção dos termos desse universo. A parte superior da cana-de-açúcar tem consistência bastante leve, o que faz com que a ponta da cana-de-açúcar balance conforme a velocidade do vento, ou rápido ou vagorosamente quando está plantada e madura no canavial. Isso faz com que essa parte da cana-de-açúcar assemelhe-se a uma bandeira que tremula conforme a velocidade do vento. Essa semelhança com o objeto feito de pano e que balança conforme o vento faz com que essa parte da cana-de-açúcar

receba o nome de bandeira da cana, configurando-se aí uma metáfora por comparação com outro objeto de universo diferente.

Além da *bandeira da cana*, outro termo curioso, metaforicamente falando, é o termo *pé de galinha*. Nesse universo, pé de galinha é um tipo de plantio em que os pés de cana-de-açúcar são plantados aleatoriamente no canavial, e não em fila, como é mais comum. O mesmo termo tem uma variante também curiosa, que é *perna de caldeirão*: provavelmente, esses dois termos têm relação com a aparência do pé de galinha (e do caldeirão) que, por ter os dedos separados, estabelece uma relação de semelhança física com o estilo salteado de plantar a cana-de-açúcar. Aqui, fica bastante evidente a comparação metafórica.

Por fim, vale trazer para esta discussão, mais uma vez, o termo apresentado acima, que também possivelmente pode ter sido produzido a partir de comparações metafóricas, que é o termo *canudo*. *Canudo* é um termo que designa a semente da cana-de-açúcar. O formato cilíndrico da semente é um forte indício para a produção desse termo. Desse modo fica evidente a relação metafórica entre esses dois elementos.

Outro aspecto do mesmo termo diz respeito à sua variante, *olho da cana*. Sugerimos duas explicações para a origem desse termo: a primeira está relacionada com o fato da localização dos dois objetos ser a mesma, ambas ficam na parte superior do “corpo”. Esse fator pode configurar-se como explicação para o nome desse termo. Uma segunda explicação, e talvez a mais plausível, seria em função das pequenas sementes que nascem nas dobraduras da parte superior da cana-de-açúcar: essas sementes têm uma aparência perolada, o que as faz se assemelharem a um pequeno olho.

Na recolha dos dados, quando perguntados sobre a origem dos termos, muitos agricultores não conhecem ou a explicam a partir da semelhança que há entre os objetos. Os agricultores mais jovens, quando não conhecem a motivação do termo respondem: “o povo que chama assim”.

Algumas considerações finais

Lakoff e Johnson (2003) entendem que a personificação é um modo mais simples de explicar conceitos complexos, abstratos ou mesmo particulares, como é o caso do conhecimento do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar. Para explicar os fenômenos, os procedimentos do universo tradicional da cana-de-açúcar do

Maranhão, o recurso da personificação metafórica é um dos mais usados pelos plantadores. Podemos evidenciar que esse recurso não é utilizado como recurso estilístico, como é feito na Literatura, para embelezar a linguagem ou conceitualizar algo ou alguém, mas sim como um modo de facilitar as explicações.

A personificação está muito ligada às questões ontológicas. A partir de suas experiências, o homem atribui características humanas aos objetos inanimados, algo bastante comum no discurso literário e científico. Encontrar esse artifício discursivo, em outros domínios que não o científico e o literário, evidencia a ideia da Metáfora ser um artifício linguístico-discursivo-cognitivo inerente a todas as manifestações de comunicação humana, mesmo quando essa manifestação se dá por meio de uma linguagem bastante popular, não-técnica e especializada, como é o caso da terminologia do micro e do pequeno agricultor do Maranhão.

Como vimos também, o léxico sofre a ação das Metáforas em sua constituição. Os objetos, por comparação com outros objetos do convívio humano, são nomeados a partir da semelhança, como é o caso de *bandeira da cana*, *olho da cana* e *pé de galinha*.

Além de tudo, essas constatações evidenciam mais uma vez as ideias da Socioterminologia: a clareza/evidência de que uma linguagem especializada é apenas um setor da linguagem cotidiana e que ela pode ser vista por outro ponto, que não só o estritamente lexical. Podemos atestar que, assim como na linguagem cotidiana (ou geral, como é comumente chamada na Terminologia), as linguagens especializadas também lançam mão das metáforas conceituais, mostrando a aproximação desses dois aspectos da língua, o especializado e o comum.

Referências bibliográficas

CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In: Simpósio Ibero-Americano de Terminologia, 7, 1998. Havana. *Anais....* Lisboa: Colibri, 2002. p. 41-60.

GAUDIN, F. **Pour une Socioterminologie**: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Paris: Université de Rouen, 1993. 255p

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistic. In: _____. (Orgs). **The handbook of Cognitive Linguistic**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 3-24.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Nova York: Cambridge university press, 2005. 333p

_____ **Metaphor**: a practical introduction. 2.ed. Nova York: Oxford Press, 2010. 396p

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004. 224p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: Chicago Press, 2003. 193p.

MAIOR, M. S. **Dicionário folclórico da cachaça**. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1980. 150p

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Tradução: Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1961. 203p

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Contexto, 2007. 168p

Bibliografias

BARROS, L. A. **Curso Básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004. 229p.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. A semântica Lexical. In. FIORIN, J. L. **Introdução à linguística**: princípio de análise. São Paulo: Contexto, 2003. 264p.

SERRA, L. H. Um estudo socioterminológico da mandioca no Maranhão. In. RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. (Orgs.). **O português falado no Maranhão**: múltiplos olhares: São Luís: EDUFMA, 2010. p. 152-172.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução: CABRÉ, M. T. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1998. 227p.